

A Relação Trabalho e Educação na Indústria Criativa: Um Olhar Sobre a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) e Municípios Selecionados

Moisés Waismann¹
Judite Sanson de Bem²
Margarete Panerai Araújo³

Resumo

Os trabalhadores com mesmo grau de escolarização, mas que trabalham em segmentos diferentes não necessariamente possui a mesma remuneração. O objetivo deste estudo é verificar qual a relação que se estabelece entre remuneração e a escolarização dos trabalhadores vinculados ao mercado de trabalho formal que exercem suas atividades junto a Indústria Criativa na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). No primeiro momento preocupa-se em compreender conceitualmente a articulação entre trabalho e educação, no mercado de trabalho problematizado pela Teoria da Segmentação. Os dados da pesquisa são produzidos a partir dos registros administrativos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), disponibilizado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Trata-se de uma pesquisa documental que se utiliza de métodos de procedimento estatísticos para a análise e interpretação dos dados de forma comparativa, para o conjunto da RMPA e dos municípios selecionados, no período entre os anos de 2006 e 2015. Pode-se inferir que os vínculos com maior escolarização possuem maiores rendas do trabalho. Nas análises efetuadas observou-se que existem diferenças na remuneração dos trabalhadores com a mesma escolarização dependendo da região onde esta vinculado.

Palavras-chave: Trabalho, Educação, Teoria da Segmentação, Indústria Criativa.

Introdução

O termo Indústrias Criativas, que surgiu com força nos anos 90 partiu do princípio de que a criatividade é um importante insumo na produção. Atualmente, ao olhar para o sistema produtivo e identificar que as organizações utilizam a criatividade como fator de produção também se deve considerar que esta indústria é composta por um arranjo de setores que são fundamentados pela cultura. Para a Fundação de Desenvolvimento Administrativo do município de São Paulo (FUNDAP, 2011) a Indústria Criativa se organiza em dez segmentos: Arquitetura e Design, Artes

¹ Professor da Universidade La Salle/Canoas; moises.waismann@unilasalle.edu.br;

² Professora da Universidade La Salle/Canoas; Judite.bem@unilasalle.edu.br;

³ Professora da Universidade La Salle/Canoas; Margarete.araujo@unilasalle.edu.br

Performáticas, Artes Visuais, Plásticas e Escrita, Audiovisual, Edição e Impressão, Ensino e Cultura, Informática, Patrimônio, Pesquisa e Desenvolvimento e Publicidade e Propaganda.

Um dos fatores que colaboram no desenvolvimento da criatividade é a educação. É por meio da educação, que se absorve a memória cultural da humanidade e a partir deste pode-se criar, inventar, propor, pensar diferente e outras possibilidades, usos e utilidade para este saber acumulado. Desta forma propõe-se a reflexão de uma articulação entre criatividade e educação e desta última com o trabalho, emprego e renda.

A relação entre trabalho e educação e os seus reflexos na renda vem sendo problematizada desde há muito tempo no campo da educação, bem como, na economia. Tanto economistas como pesquisadores do campo da educação debatiam a importância da educação para o desenvolvimento de uma nação. Na disciplina de economia esta discussão remonta Adam Smith, com a sua obra *A Riqueza das Nações* (1776) passando por Karl Marx nos escritos do *O Capital* (1867). , porém somente nos anos de 1960 que surgiu o campo da economia da educação, por meio da formalização da Teoria do Capital Humano.

A Teoria do Capital Humano (TCH) surgiu propondo que os gastos com educação devem ser considerados como investimentos, assim quanto maior seu valor maior o seu retorno social, dado que é uma das formas de aumentar a disponibilidade da força de trabalho e, por consequência, a produtividade do trabalhador. Nessa teoria, a educação é fundamental para “criar e aumentar” o capital humano, portanto, o processo educativo produz algumas atitudes e conhecimentos para capacitar para o trabalho.

A partir dos anos de 1970, a afirmação de que quanto mais anos de estudo maiores são os salários foi sendo contestada, problematizada e criticada. Percebia-se que esta relação de causalidade entre educação e trabalho estava superdimensionada. Uma das polêmicas foi de que as pessoas possuem um perfil diferente e os tipos de atividades econômicas são diversos, portanto, a segmentação do mercado de trabalho foi à razão para as diferentes remunerações. Esta crítica foi respaldada pela Teoria da Segmentação (M Reich, Dm Gordon, Rc Edwards, 1973).

Neste sentido, emerge o objetivo principal do estudo: Verificar a relação que se estabelece entre o nível de escolarização e o salário na Região Metropolitana de Porto Alegre e municípios selecionados de Canoas, Novo Hamburgo, Porto Alegre e São Leopoldo, no conjunto da Indústria Criativa nos anos de 2006 e 2015.

No que é pertinente à metodologia do trabalho utilizou-se da pesquisa documental, por meio

da análise com dados disponíveis na Relação Anual de Informações Sociais, produzido pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Justifica-se o estudo acerca do tema pela importância da educação em relação ao trabalho, e os seus reflexos na renda e produtividade de uma sociedade.

Diante disso, no primeiro tópico do trabalho, está a discussão teórica. No segundo tópico, dissertou-se sobre o método utilizado. E na sequência, concentrou-se na análise dos dados coletados. Por fim, ponderaram-se os resultados e as referências utilizadas.

2. Discussão teórica

A remuneração da força de trabalho quando discutida a partir do mercado de trabalho, assumia-se que esta era organizada por meio da procura e oferta de mão de obra, desta forma quando o mercado encontra-se em equilíbrio, a remuneração paga pelo trabalho é igual à sua contribuição no processo produtivo, medido pela produtividade, conseqüentemente, os trabalhadores recebem, conforme a sua contribuição para produção da organização. Esta produção está diretamente relacionada com a qualificação, aqui medida pela educação acumulada, isto é quanto mais qualificado/educado for o trabalhador, maior será a sua contribuição (Lima, 1980).

Esta explicação, para a remuneração do trabalho foi bem aceita até os anos de 1950/1960, início da formalização da Teoria do Capital Humano (TCH). No entanto, após este período apareceu nas análises discrepâncias de renda entre pessoas com os mesmos níveis de educação. Souza (1978) explicou que os empregos possuem características distintas, sendo diferenciados por alguns processos, tais como: recrutamento e seleção, treinamentos, plano de carreira, estabilidade, remuneração e produtividade. A heterogeneidade do mercado de trabalho propõe um mercado segmentado. No entendimento de Lima (1980), o capital humano produzido por investimentos em educação, princípio central da TCH, foi superestimado e não mensura de forma apropriada o capital humano, pois

[...] é perfeitamente sabido que diferentes pessoas possuem não somente diferentes tipos e quantidade de capital físico, mas também diferentes tipos e quantidades de capital humano que não são resultado de educação formal (tais como certas atitudes, habilidades manual ou artística, motivação, saúde, força física, etc.). Se concorda que capital humano compreende todas as características de uma pessoa que possam produzir um fluxo de retornos, então a tão enfatizada hipótese de que capital humano é resultado de investimento está longe de ser aceitável (Lima, 1980, p. 224).

Desta forma, perceberam-se as limitações conceituais da Teoria do Capital Humano, principalmente no que se refere há causalidade entre renda e educação, onde a renda era

determinada pela educação, a qual determinava a produtividade. É possível afirmar, então, no momento atual, que a educação não é o único fator decisivo para a definição dos salários. Casari (2012) referindo-se a Paul Taubman e Michael Wachter (1986) teorizou que a segmentação no mercado de trabalho foi percebida entre trabalhadores com o mesmo nível educacional, ou seja, recebendo rendimentos desiguais. Alguns motivos explicativos são que: os trabalhadores possuem perfis diversos, local de trabalho distinto, mercado de trabalho diferente, podendo entre outras coisas ser diferenciado pela existência de sindicatos e regulamentações.

Para Souza (1978), é possível explicar a existência da segmentação do mercado de trabalho através de três maneiras: o ajuste alocativo; o dualismo tecnológico e, a estratificação dos trabalhadores. Do ponto de vista alocativo significa incorporar os custos para a contratação e treinamento dos novos trabalhadores, ocorrendo que quanto maior o grau de educação exigido para o posto de trabalho maior estes custos. Desta forma algumas organizações criam condições, para que os profissionais permaneçam nas empresas por um longo período de tempo, criando artifícios, que proporcionam o bem estar ao trabalhar, bem como, mecanismos para que os trabalhadores possam ser promovidos em virtude do tempo de emprego naquela empresa. Existe, assim, um mercado de trabalho interno às organizações, que tanto agrada o empregador, pois minimiza os custos fixos de recrutamento, contratação e treinamento, quanto o empregado, pois valoriza as oportunidades de segurança e promoção do emprego (Doeringer; Piore *apud* 1971 Souza, 1978).

A diversidade existente no nível tecnológico entre os mercados é compreendida como dualismo tecnológico. Isto é, as diferentes tecnologias incorporadas em cada organização, necessariamente criam condições para a qualificação profissional de seus colaboradores, conseqüentemente há uma maior produtividade e um aumento de renda (mercado de trabalho primário). Por outro lado, as organizações, que não investem em tecnologia e, nem na qualificação dos seus funcionários (mercado de trabalho secundário), mantém a produtividade e os rendimentos e, assim, estas permanecem inferiores na comparação com as empresas que investem em inovações (Vietorisz e Harrison 1973 *Apud* Souza, 1978). E, por fim, a estratificação dos trabalhadores ocorre na transição do sistema capitalista competitivo para o sistema capitalista monopolista. Neste último, o modo de produção é regulado pelo capital, pelos trabalhadores e pelo estado, que divide e estratifica os trabalhadores. Assim, um ou outro interessado vai auferir vantagens/desvantagens, dependendo do seu poder político (Reich, Gordon e Edwards 1973 *apud* Souza, 1978).

A partir do exposto pode-se, segundo Lemos (1995), segmentar o mercado de trabalho em

primário e secundário. No mercado primário se encontram as melhores oportunidades de trabalho, empregos estáveis, maiores remunerações, tecnologia, treinamento e organizações sindicais, que buscam defender os interesses dessa classe. Já no mercado secundário a tendência é que os salários sejam mais baixos, visto a rotatividade de trabalhadores, baixos investimentos em treinamento, pouca tecnologia e não há uma organização, que visa aumentar o poder de barganha dos trabalhadores desse segmento.

Lima (1980) também trabalha com a proposta de mercado primário e secundário, definindo-os da seguinte forma:

O mercado primário é caracterizado por hábitos de trabalho e empregos estáveis, salários relativamente altos, produtividade alta, progresso técnico, pela existência de canais de promoção dentro das próprias firmas, pelo oferecimento de treinamento no próprio trabalho (*on-the-job training*), promoção por antiguidade, etc. É comum que os empregos nesse mercado estejam associados a firmas grandes, às vezes oligopolistas, com alta relação capital/produto. O mercado secundário é caracterizado por alta rotatividade da mão-de-obra, salários relativamente baixos, más condições de trabalho, baixa produtividade, estagnação tecnológica e níveis relativamente altos de desemprego (Lima, 1980, p. 235, 236).

Lima (1980) explica que é possível compreender, que nos mercados primários profissionais mais experientes e com maior escolaridade possuem salários maiores. Em contraponto, no mercado secundário segue-se uma linearidade, onde o trabalhador mesmo após o incremento de capital humano continua com rendimentos inferiores.

Souza (1978) interpretou que, no mercado primário os salários são altos, pois há investimento em capital tecnológico, que são acompanhados pelo investimento em capital humano, essa interação entre tecnologia e conhecimento melhora a produtividade e, com isso há um aumento de rendimentos. Esse processo é chamado de *feedback* positivo. Por outro lado, o autor comentou, que no mercado secundário, não há investimento em maquinário e é utilizada uma mão de obra menos qualificada, a produtividade é mantida e os salários tendem a ser estáveis, esse fator é chamado de *feedback negativo*. Desta forma é possível intuir, que a segmentação do mercado de trabalho é responsável pelas diferenças salariais, para trabalhadores com o mesmo nível de educação.

Este artigo se utilizou das divisões da Indústria Criativa como objeto de estudo, para verificar a segmentação do mercado de trabalho. Estas atividades produtivas podem ser alternativas para geração de riqueza e compreende-se que a Indústria Criativa é um instrumento para o desenvolvimento regional, bem como, o produto mundial. O relatório das Nações Unidas (Brasil,

2012), informou que:

Em 2008, a erupção da crise econômica e financeira mundial provocou uma queda na demanda global, além de uma concentração de 12% no comércio internacional. Contudo, as exportações mundiais de produtos e serviços criativos continuaram a crescer, alcançando \$ 592 bilhões em 2008 — mais que o dobro do volume em 2002 —, o que indica uma taxa de crescimento anual de 14% durante seis anos consecutivos. Essa é uma confirmação para o fato de que as indústrias criativas apresentam enorme potencial para os países em desenvolvimento que buscam diversificar suas economias e dar um salto em direção a um dos setores mais dinâmicos da economia mundial (Brasil, 2012).

A Indústria Criativa pode ser caracterizada como aquela que tem o seu princípio na criatividade e na habilidade peculiar de cada indivíduo, sendo que, devido à propriedade intelectual, a Indústria Criativa pode ser considerada uma fonte de criação de empregos e de fomento econômico (Bem e Waismann, 2014).

Para o Departamento de Cultura, Mídia e Esporte (DCMS, 1998) do governo britânico a Indústria Criativa constitui-se de empresas que, em virtude do trabalho primordialmente intelectual, são protegidas pela lei de direitos autorais. Fazem parte desse setor aquelas que têm, na sua essência a criatividade, e que através da exploração da propriedade intelectual podem fomentar a economia. Já a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad, 2008) vem considerando como integrantes da Indústria Criativa os produtos e serviços, que utilizam como ponto de partida o capital intelectual, assim como toda a sua cadeia produtiva e de distribuição. A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco,) informa que as atividades com fins lucrativos, que trabalham com bens culturais e intangíveis são partes integrantes da Indústria Criativa, como por exemplo: artes visuais e artesanato. No Brasil, a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan, 2012) caracteriza a Indústria Criativa através de atividades “núcleo” (atividades do setor de serviços com a criatividade como insumo), atividades “relacionadas” (envolvem segmentos de provisão direta de bens e serviços ao núcleo) e de “apoio” (provisão de bens e serviços indireta ao núcleo). Já a Fundação de Desenvolvimento Administrativo do Município de São Paulo (Fundap, 2011) caracteriza a Indústria Criativa por ser uma economia com base no conhecimento.

Método

Assume-se neste artigo o conceito e a metodologia da Fundap (2011) sobre o conjunto das atividades produtivas que fazem parte dos segmentos da Indústria Criativa. Esta utiliza a Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE) para classificar as empresas em

diferentes ramos. A FUNDAP incorpora os critérios do IBGE, da DCMS, da UNCTAD, da Unesco, da OIC e da Firjan. Segundo a FUNDAP (2011), são consideradas 44 atividades criativas, separadas em 10 grandes grupos, os quais são delimitados de acordo com as suas semelhanças.

Como recorte no campo empírico, define-se o conjunto da Região Metropolitana de Porto Alegre e os municípios de Canoas, Novo Hamburgo, Porto Alegre e São Leopoldo. Em pesquisa realizada no banco de dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), buscaram-se informações acerca da escolaridade e renda dos vínculos pertencentes à Indústria Criativa na região geográfica estudada para os anos de 2006 e 2015.

Os procedimentos metodológicos que nortearam este estudo quanto aos objetivos foram o de uma pesquisa foi exploratória em sua fase inicial e descritiva, posteriormente. A pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Conforme Gil (2010, p.43),

[...] pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

A pesquisa descritiva também foi operacionalizada para viabilizar a realização dos objetivos do estudo. “A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (Cervo; Bervian, 2002, p.66).

Quanto aos procedimentos a pesquisa é de natureza documental. Richardson (1999, p. 80) menciona que

[...] os estudos que empregam uma metodologia quantitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais.

Ressalta, também, que podem contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

O universo da pesquisa é o conjunto da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) e municípios selecionados de Canoas, Novo Hamburgo, Porto Alegre e São Leopoldo, no período que se entende de 2006 a 2017. Na Figura 1 encontra-se a delimitação da RMPA e dos municípios trabalhados.

Figura 1 - Divisão político-administrativa da Região Metropolitana de Porto Alegre



Fonte: Observatório de Política Urbana e Gestão Municipal

No que tange fonte e a análise dos dados, foram utilizados dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), objetivando verificar a segmentação no mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre, e estes foram analisados por meio da estatística descritiva. No quadro 1 são listadas as variáveis selecionadas para análise com as suas respectivas fontes de dados.

Quadro 1 – Variáveis selecionadas e as fontes dos dados.

Variáveis selecionadas	Fonte dos dados
Classificação dos segmentos da indústria criativa	Fundação de Desenvolvimento Administrativo do município de São Paulo (FUNDAP, 2011)
Quantidade de vínculos por segmento da Indústria Criativa no mercado formal de trabalho, por nível de escolarização.	Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)
Quantidade de horas dos vínculos, por segmento da Indústria Criativa, no mercado formal de trabalho, por nível de escolarização.	
Remuneração média dos vínculos, por segmento da Indústria Criativa, no mercado formal de trabalho, por nível de escolarização.	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Evidenciar de onde são produzidos os dados auxilia no tratamento e na interpretação de dados, visto que e nesta parte do estudo que os autores se colocam.

Análise e interpretação dos dados

Com objetivo de responder aos pressupostos iniciais busca-se na análise verificar a relação

que se estabelece entre o nível de escolarização e o salário na Região Metropolitana de Porto Alegre e municípios selecionados de Canoas, Novo Hamburgo, Porto Alegre e São Leopoldo, no conjunto da Indústria Criativa nos anos de 2006 e 2015. Assim, na tabela 1 apresentam-se as quantidades de vínculos na indústria criativa no mercado formal de trabalho na RMPA e nos municípios selecionados por nível de escolaridade no ano de 2015.

A intenção dessa tabela é verificar como está distribuída esta variável, tanto geograficamente, como pelo nível de escolaridade de interesse. Percebe-se que há uma diferença de concentração de nível de escolaridade nas regiões estudadas. Existe uma forte participação de vínculos com nível de escolaridade com ensino médio completo na RMPA e na sua capital, Porto Alegre. Também se percebeu uma redução gradual nesses vínculos, conforme a escolarização aumenta.

Tabela 1 – Quantidades de vínculos na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados por nível de escolaridade no ano de 2015.

Região	Médio	Superior Incompleto	Superior	Mestrado	Doutorado	Total
RMPA	98.921	15.850	25.369	641	111	248.575
Canoas	6.128	576	889	6	2	11.559
Novo Hamburgo	7.745	1.471	1.198	2	0	21.529
Porto Alegre	44.279	8.122	17.088	416	78	97.407
São Leopoldo	3.288	856	1.295	19	2	9.159

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados disponíveis em www.mte.gov.br.

A tabela 2 evidencia a variação na quantidade de vínculos entre o ano de 2006 e o ano 2015 na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados por nível de escolaridade, calculado pelo número-índice de base 100, sendo este igual a 2006. A tabela deixa claro, a variação do desempenho dos recortes de vínculos e escolaridade estudados. Em todos os níveis de escolaridade houve avanços significativos no período, sobretudo no Mestrado e Doutorado, o que implica uma mão de obra mais qualificada em segmentos que demandam conhecimento e criatividade.

Tabela 2 – Variação na quantidade de vínculos entre o ano de 2006 e 2015 na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados por nível de escolaridade. (base 100=2006)

Região	Médio	Superior Incompleto	Superior	Mestrado	Doutorado	Total
RMPA	180	134	249	628	411	118

Canoas	217	113	213	200	200	139
Novo Hamburgo	177	121	290	200	s/inf	91
Porto Alegre	177	145	248	730	339	151
São Leopoldo	194	181	439	950	200	131

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados disponíveis em www.mte.gov.br.

A tabela 3 mostra a proporção da quantidade de vínculos na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados por nível de escolaridade nos anos de 2006 e 2015. Nesta ilustração é possível perceber como a proporção assume valores diferentes nos anos de estudo. A tabela 3 retrata diversas situações paradigmáticas: primeiramente, em algumas regiões há um aumento da proporção de vínculos com maior escolaridade, como Porto Alegre demandando mais mestres, São Leopoldo com mais vínculos com ensino superior; por outro lado há locais com uma queda acentuada nos vínculos com maior escolaridade. Já em Canoas e Novo Hamburgo ocorre uma redução na participação do emprego, com as escolarizações estudadas, da indústria criativa nos municípios quando comparado com o total da RMPA. Este período nos mostra, sobretudo o ano de 2015, um momento de crise econômica generalizada.

Tabela 3 – Proporção da quantidade de vínculos na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados por nível de escolaridade nos anos de 2006 e 2015.

Município	Médio		Superior Incompleto		Superior		Mestrado		Doutorado		Total	
	2006	2015	2006	2015	2006	2015	2006	2015	2006	2015	2006	2015
Canoas	5,1	6,2	4,3	3,6	4,1	3,5	2,9	0,9	3,7	1,8	4	4,7
Novo Hamburgo	8,0	7,8	10,3	9,3	4,1	4,7	1,0	0,3	s/inf	s/inf	11,3	8,7
Porto Alegre	45,5	44,8	47,4	51,2	67,6	67,4	55,9	64,9	85,2	70,3	30,7	39,2
São Leopoldo	3,1	3,3	4,0	5,4	2,9	5,1	2,0	3,0	3,7	1,8	3,3	3,7

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados disponíveis em www.mte.gov.br.

A tabela 4 expõe o valor da remuneração média da hora trabalhada na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e nos municípios selecionados por nível de escolaridade no ano de 2015. Percebe-se, entre outros, que as seguintes informações: quanto maior o grau de escolaridade, maior o valor da remuneração média, e o salto ou diferença de remuneração, considerando o nível, foi maior entre o ensino superior e o mestrado, do que entre o mestrado e o doutorado.

Tabela 4 – Valor da remuneração média, por hora de trabalho, de vínculos na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados por nível de escolaridade no ano de 2015.

Região	Médio	Superior Incompleto	Superior	Mestrado	Doutorado	Total
RMPA	10,88	17,48	35,19	70,53	50,97	12,81
Canoas	11,00	14,30	29,65	31,47	31,34	11,81
Novo Hamburgo	10,27	15,12	21,99	56,94	s/dado	10,47
Porto Alegre	11,50	17,83	35,16	60,97	61,39	15,53
São Leopoldo	9,91	17,96	32,89	54,35	98,20	13,33

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados disponíveis em www.mte.gov.br.

Valores corrigidos pelo IPCA para primeiro de outubro de 2017.

A tabela 5 mostra a variação no valor da remuneração média, por hora de trabalho, na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados por nível de escolaridade calculado pelo número-índice de base 100, sendo este igual a 2006. A tabela 5 auxilia na compreensão da tabela 4. Aqui se percebe que foi no nível de instrução - mestrado onde se encontraram as maiores variações no valor da remuneração média/por hora trabalhada no período 2006/2015. Interessante reflexão, pois o maior grau de escolaridade, doutorado, apresentou uma variação do valor da remuneração média inferior ao ensino superior. Isto pode refletir uma realidade complexa, que estas atividades aqui instaladas não demandam este grau de escolarização, logo a oferta é maior que a demanda, ajustando o preço para baixo no período estudado.

Tabela 5 - Variação no valor da remuneração média, por hora de trabalho, entre o ano de 2006 e o ano 2015 na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados por nível de escolaridade. (base 100=2006)

Região	Médio	Superior Incompleto	Superior	Mestrado	Doutorado	Total
RMPA	112	107	100	112	86	135
Canoas	114	103	112	469	51	127
Novo Hamburgo	105	105	80	1.264	s/dado	131
Porto Alegre	116	106	102	106	110	130
São Leopoldo	108	119	129	175	61	144

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados disponíveis em www.mte.gov.br.

A tabela 6 mostra a proporção do valor da remuneração média, por hora de trabalho, por escolaridade no ano de 2015 na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados por nível de escolaridade no ano de 2015. Sobre o total do mercado de trabalho das indústrias criativas percebe-se que sobre a média

total os trabalhadores que possuem o ensino médio recebem até 26% (São Leopoldo) menos, ao mesmo tempo em que os que estão frequentando o ensino superior possuem uma remuneração mais de 34% (São Leopoldo). E quanto maior o nível de escolaridade maior a remuneração. Verifica-se também que estas diferenças também ocorrem entre as regiões geográficas estudadas

Tabela 6– Proporção do valor da remuneração média, por hora de trabalho, por escolaridade no ano de 2015 na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados.

Região	Médio	Superior Incompleto	Superior	Mestrado	Doutorado	Total
RMPA	84,9	136,4	274,7	550,5	397,9	100,0
Canoas	93,1	121,1	251,0	266,5	265,4	100,0
Novo Hamburgo	98,1	144,3	209,9	543,6		100,0
Porto Alegre	74,0	114,8	226,4	392,6	395,3	100,0
São Leopoldo	74,3	134,7	246,7	407,7	736,5	100,0

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados disponíveis em www.mte.gov.br.

As análises apresentadas permitem afirmar que a escolarização afeta o emprego e a remuneração no total dos vínculos da indústria criativa, também é possível perceber que existe diferenças entre os municípios estudados. Na próxima seção apresenta-se as considerações finais deste trabalho

Conclusão

Foi possível concluir que no conjunto das Indústrias Criativas localizadas na Região Metropolitana de Porto Alegre e em municípios selecionados, nos anos de 2006 e 2015, a relação que se estabeleceu entre escolaridade e renda foram diversas. As questões inicialmente levantadas merecem serem revistas e respondidas. Ou seja, trabalhadores com mesmo grau de escolarização, mas que trabalham em regiões geográficas diferentes não possuía a mesma remuneração. Os dados apresentam um desempenho econômico diferenciado por município, basta lembrar a Tabela 1 que identificou as variáveis - vínculos na indústria criativa no mercado formal de trabalho e o grau de instrução, deixando demarcado que o número de vínculos com ensino médio foi muito superior que os demais níveis no ano de 2015. Já a tabela 2 destacou a variação no período de 2006 e 2015 com avanços significativos, sobretudo para quem possui Mestrado e Doutorado.

Quanto à proporção da quantidade de vínculos na indústria criativa no mercado formal de trabalho nos anos de 2006 e 2015, assumindo implicações diferenciadas com aumento da proporção de vínculos com maior escolaridade, em Porto Alegre demandando mais mestres, e em São

Leopoldo com mais vínculos no ensino superior; e queda em Canoas e em Novo Hamburgo com redução na participação do emprego no conjunto da indústria criativa.

Sobre o valor da remuneração média da hora trabalhada na indústria criativa no mercado formal de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre e nos municípios selecionados por nível de escolaridade no ano de 2015, demonstrando que quanto maior o grau de escolaridade, maior o valor da remuneração média, tendo ficado mais evidente entre o ensino superior e o mestrado.

Quanto a variação no valor da remuneração média, por hora de trabalho, pode-se verificar que foi no mestrado onde se encontraram as maiores variações no valor da remuneração média/por hora trabalhada no período 2006/2015, já quanto a proporção do valor da remuneração média, por hora de trabalho, demonstrou-se a proporção do valor da remuneração média, por hora de trabalho, por escolaridade no ano de 2015 na indústria criativa no mercado formal deixou evidente que a proporção da remuneração média foi inferior nas atividades com apenas o ensino médio, mas os vínculos com ensino superior incompleto ou mais apresentaram uma remuneração média muito superior à média do mercado formal de trabalho.

Convém destacar que o valor da hora trabalhada em São Leopoldo apareceu como mais elevado. Assim, esse artigo mostra que nos anos de 2006 e 2015 houve uma relação direta entre escolaridade e renda. Não há como negar que existem importantes questões sociais e complexas frente à sociedade atual, que tornam a economia criativa uma área que envolve um maior grau de instrução para os diferentes segmentos da indústria, e estes são resultantes das transformações do tempo.

Foi possível relacionar a Teoria do Capital Humano (TCH) com a Teoria da Segmentação, pois ambas se destacam como reflexões sobre os investimentos em educação, e quanto ao retorno social. Nas análises efetuadas viu-se o perfil educacional e os tipos de vínculos identificando a segmentação do mercado de trabalho e as diferentes remunerações nos municípios variando, conforme o grau de educação.

Referências

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL (2013). Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2013. Disponível em http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/idhm/ (30 de novembro de 2016).

- BARROS, José Márcio e ZIVIANI, Paula. (2009). Equipamentos, meios e atividades culturais nos municípios brasileiros: indicadores de diferenças, desigualdades e diversidade cultural. In CALABRE, Lia(Org). Políticas culturais: reflexões e ações. 105-129. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- BEM, Judite Sanson; WAISMANN, Moisés. (2014). A indústria criativa e vínculos empregatícios no Estado do Rio Grande do Sul comportamento nos anos de 2010 e 2011. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 12, n. 1, jan./jul. 711-720.
- BERTINI, Alfredo. (2008). Economia da cultura. São Paulo: Ed. Saraiva.
- BRASIL. Ministério da Cultura. (2012). Relatório de economia criativa 2010: economia criativa uma opção de desenvolvimento. Brasília: Secretária da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). (2015). Relação Anual de Informações Sociais. <http://portal.mte.gov.br/portal-pdet/>. (28 de julho de 2015).
- CASARI, Priscila.(2012). Segmentação no mercado de trabalho brasileiro: diferenças entre o setor agropecuário e os setores não agropecuários, período de 2004 a 2009. 142 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. (2002). Metodologia Científica. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall.
- DEPARTMENT OF CULTURE, MEDIA AND SPORT (DCMS).(1998) Mapping the Creative Industries. London: DCMS. http://www.culture.gov.uk/creative/creative_industries.html. (06 de fevereiro de 2016).
- Doeringer, Peter B.; PIORE, Michael J.(1970) Internal Labor Markets and Manpower Analysis. Harvard University, Cambridge.
- EDWARDS, Richard C.; GORDON, David M.; REICH, Michael. (1973). Dual Labor Markets: A Theory of Labor Market Segmentation. American Economic Association, v. 63, n. 1, maio 1973. 120-150.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). (2012). Indústria Criativa- Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil. http://www.firjan.org.br/economiacriativa/download/Analise_completa.pdf. (30 de março de 2015).
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). (2008). A Cadeia da Indústria Criativa no Brasil. Estudos para o Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro, Sistema FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, Divisão de Estudos Econômicos, nº 2, maio de 2008.
- FLEW, Terry. (2002). Beyond ad hocery: Defining Creative Industries. The Second International Conference on Cultural Policy Research, Te Papa, Wellington, New Zealand, 23-26 January 2002. Queensland University of Technology. Paper presented to Cultural Sites, Cultural Theory, Cultural Policy. http://eprints.qut.edu.au/256/1/Flew_beyond.pdf. (25 de fevereiro de 2016).
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO RS. FEEDADOS. Unidades Geográficas. http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/unidades_geo_rmpa.asp. (28 de outubro de 2013).

FUNDAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ADMINISTRATIVO (FUNDAP). (2011). Economia Criativa na Cidade de São Paulo: Diagnóstico e Potencialidade.

http://novo.fundap.sp.gov.br/arquivos/PDF/Livro_Economia_Criativa_NOVO.pdf (10 de abril de 2015).

GIL, Antônio Carlos.(2010). Como elaborar projetos de pesquisa. 5.ed. São Paulo: Atlas.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Perfil dos Municípios Brasileiros. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2012/default.shtm>.

(12 de setembro de 2013).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Perfil dos Municípios Brasileiros Cultura 2006. (2006).

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2006/>. (10 de setembro de 2014).

LIMA, Ricardo.(1980). Mercado de trabalho: o capital humano e a teoria de segmentação. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, abril. 220-240.

MARTINS, Cristina Maria dos Reis. (2013). Caracterização da Região Metropolitana de Porto Alegre. FEE: Porto Alegre. <http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/20140312112.pdf>. (22 de junho de 2016).

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SEN, Amartya.(2000). Desenvolvimento como liberdade. Companhia das Letras.

SOUZA, Maria Cristina Cacciamali de. (1978). Mercado de trabalho: abordagens duais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo , v. 18, n. 1, p. 59-69, Mar. 1978 .

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901978000100006&lng=en&nrm=iso. (18 de Março de 2017).

TOLILA, Paul.(2007). Cultura e Economia: problemas, hipóteses e pistas. São Paulo: Itaú cultura/Editora Iluminuras.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD).

(2008). Creative Economy. Report 2008. Geneva; New York: UNCTAD; UNDP, 2008, p. 9-16.

http://unctad.org/es/Docs/ditc20082cer_en.pdf. (21 de janeiro de 2014).